

RESUMO SIMPLES

## AGROPECUÁRIA INTENSIVA NA ÁFRICA

Caio Braga Ferreira<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO:** Todo tipo de agricultura praticada em um determinado tempo e espaço tem inicialmente um objetivo ecológico e econômico complicado, tendo em sua composição diversas categorias de estabelecimentos que exploram diferentes tipos de solos e diversas espécies de plantas e de animais. Somado a isto, existem diversas formas de agriculturas que são observadas ao redor do mundo variando conforme o lugar, de tal maneira que de uma região do mundo a outra, é possível classificá-las em gêneros muito diferentes, como: Rizicultura irrigada, Pastoreio, Cultivos associados, Arboricultura; entre outros (Mazoyer e Roudart, 2010). **DESENVOLVIMENTO:** Os produtores agropecuários podem ser divididos quanto ao modelo de produção em comerciais e de subsistência. De maneira geral, os agropecuaristas comerciais são aqueles que conseguem lucrar com a sua produção, já os de subsistência retiram somente o necessário para sobreviver (Almeida, 2015). Há ainda uma classificação que leva em conta se as atividades agropastoris são realizadas de forma nômade ou perene em uma dada localidade (Western *et al.*, 2009). Na África, há muitas décadas, o ramo agropecuário utilizado é considerado, como um modelo em crise. A gravidade do problema da insegurança alimentar, que voltou à agenda internacional quando da crise dos preços dos alimentos em 2007/2008, chamou a atenção para os problemas da produção em África (Almeida, 2015). De acordo com dados da FAO (2016) a área agricultável na África cresceu 1.123.220,02 ha no ano 2000 para 1.132.601,7ha em 2016, sendo que esses valores chegaram a ser bem maiores entre os anos de 2008/2009, período em que houve a crise econômica e que prejudicou a produção de alimentos a nível mundial. Contudo, apesar dos avanços notáveis com relação ao tema, existe ainda uma realidade que assombra o continente, que é a de que suas terras continuam muito baratas. Isto acarreta na forte atração de investidores dos países desenvolvidos, juntamente com o seu capital, prejudicando a economia local, através das compras das propriedades familiares impedindo-as de exercer qualquer tipo de atividade. Além disso, o problema chave desta situação é que os pacotes tecnológicos da revolução verde estão sendo usados indiscriminadamente por essas grandes empresas do ramo, na produção de *Holdings* para exportação, que não ajudam em nada no combate à fome e à pobreza em África (Liberti, 2018). A homogeneização da paisagem pelo cultivo destas culturas com elevado potencial de exportação tem levado a perda de biodiversidade nesta região do globo. A vida silvestre e a pecuária coexistiram por toda África por milênios, rastreando a disponibilidade sazonal de forragem em grandes paisagens. Mais recentemente, no entanto, os movimentos de livre circulação têm sido cada vez mais restringidos pelas mudanças no uso da terra, reduzindo a capacidade da pecuária e da vida silvestre para acessar os recursos de pastagem necessários, levando à homogeneização e degradação da pastagem (Russell, 2018). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, a agropecuária intensiva tem efeitos danosos ao ambiente em que é colocada como modelo agrícola. Como foi observado algumas das consequências são a perda de biodiversidade, homogeneização do ambiente somado a um forte impacto social negativo nas comunidades locais.

**Palavras-chave:** Continente. Pastejo. Propriedade familiar

\*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 17/11/2021; aprovado em 16/03/2022

<sup>1</sup> *Tecnólogo em Agroecologia, pelo Instituto Federal da Paraíba, Campus Sousa, M.Sc em Ecologia Aplicada pela universidade de Aveiro Portugal. E-mail: caiobragaferreira@gmail.com*

DOI: <http://dx.doi.org/10.35512/ras.v6i1.6485>